

Impactos da Guerra EUA/Israel-Irã

Há uma escalada em curso na guerra deflagrada pelo ataque coordenado de Estados Unidos e Israel contra o Irã que provocou a morte do aiatolá Ali Khamenei. Além dos bombardeios iranianos em Israel, como retaliação, bases americanas foram atacadas em países do Golfo Pérsico. O Hezbollah, grupo libanês xiita aliado de Teerã, lançou foguetes e drones contra o território israelense. Houve ainda ataques de drones iranianos a uma base do Reino Unido no Chipre. O conflito já é regional, com implicações múltiplas para a geopolítica e a economia mundial. No momento, a ideia de um cessar-fogo não está no horizonte.

A ofensiva e seus desdobramentos projetam efeitos que extrapolam suas fronteiras e reconfiguram a arquitetura de segurança do Oriente Médio, produzindo um cenário regional marcado por instabilidade, volatilidade e reacomodação de alianças.

Para os países do Golfo, a instabilidade iraniana representa um risco direto, sobretudo no campo energético, dada a centralidade do Estreito de Ormuz para o fluxo global de petróleo e a vulnerabilidade estrutural de seus projetos econômicos.

A instabilidade iraniana amplia os temores de reativação de dinâmicas separatistas e transfronteiriças, envolvendo curdos e balúchis, o que adiciona uma dimensão étnico-territorial à crise e expande seus impactos regionais.

Nesse contexto, um eventual colapso do regime iraniano não implicaria automaticamente estabilização, podendo, ao contrário, inaugurar um cenário prolongado de fragmentação territorial, múltiplos centros de poder e competição armada, semelhante às experiências da Líbia e do Iêmen. A diversidade étnica, a extensão territorial do país e a interconexão regional de seus grupos sociais tornam plausível um processo de desintegração com efeitos sistêmicos, capaz de reconfigurar de forma duradoura o equilíbrio de poder no Oriente Médio.

A crise iraniana se desenvolve em um contexto de transição hegemônica global, assumindo caráter sistêmico ao articular transformações internas do Irã com os interesses estratégicos dos Estados Unidos, da China e da Rússia, o que amplia os riscos de instabilidade regional e impactos sobre a ordem internacional.

ANÁLISES

Até que ponto o conflito representa um risco sistêmico internacional?

- **Rubens Ricupero**

Trata-se de um conflito limitado: o Irã não tem capacidade para reagir a não ser por meio de ações restritas às áreas vizinhas. Não há envolvimento direto de nenhuma outra grande potência. Ninguém lamenta a eliminação de Khamenei, e tudo tende a se esgotar em relativamente pouco tempo.

- **Monique Sochaczewski**

O conflito EUA e Israel contra o Irã faz parte do contexto mais amplo de disputa por hegemonia entre EUA e China. A agenda específica dos EUA é a de impactar um fornecedor importante de energia para a China, bem como colar ao país do Extremo Oriente a ideia de que não é um aliado confiável, posto que na hora das dificuldades não assume a defesa de seu aliado regional, como já havia feito com a Venezuela. Os EUA ainda demonstram sua superioridade bélica, deixando claro que China pode ser potência econômica e comercial, e mesmo ter avançado em termos militares, mas ainda não se equipara aos EUA.

- **Victor do Prado**

O mais recente conflito no Oriente Médio aumentou significativamente os riscos sistêmicos internacionais, criando um cenário de maior instabilidade e imprevisibilidade nas relações globais. Essa turbulência exacerba tensões existentes, especialmente no contexto da guerra em curso na Ucrânia e das tensas relações entre a China e os Estados Unidos. À medida que os governos enfrentam essas crises multifacetadas, o imediatismo se tornou ainda mais pronunciado, levando frequentemente a decisões apressadas que ignoram as consequências de longo prazo.

Um dos aspectos mais alarmantes da situação no Irã e no Golfo Pérsico é o potencial de interromper as rotas de suprimento de energia e de matérias-primas críticas para o comércio global. Isso é particularmente preocupante, considerando o cenário geopolítico atual, em que a segurança energética já está sob pressão.

Além disso, a guerra no Irã tem implicações para o comércio internacional e as cadeias de suprimento, já pressionadas pelas tensões geopolíticas e de segurança anteriores. As tarifas de importação impostas durante o governo Trump acrescentaram camadas de complexidade e incerteza, criando um ambiente em que as empresas estão receosas de realizar novos investimentos produtivos. À medida que os governos reconsideram suas relações comerciais, a falta de previsibilidade na formulação de políticas complica ainda mais o cenário econômico global.

A interação desses fatores cria um ciclo de retroalimentação de instabilidade. O recurso a medidas protecionistas e de retaliação pode minar a cooperação internacional e levar à fragmentação da economia global. Os efeitos colaterais de tais ações podem ser sentidos em diversos setores, desde a tecnologia até a agricultura, ameaçando ainda mais cadeias de suprimento já vulneráveis.

Em conclusão, a guerra no Irã amplifica os riscos sistêmicos internacionais existentes, caracterizados por instabilidade, imprevisibilidade e imediatismo. À medida que as potências globais navegam por esse terreno traiçoeiro, a necessidade de um

esforço concertado para estabilizar as relações internacionais se torna cada vez mais urgente. O risco de conflitos em escalada e de interrupções econômicas representa desafios significativos para a governança global e a diplomacia.

Qual a possibilidade de a guerra levar à derrubada do regime iraniano?

- **Rubens Ricupero**

O regime já estava muito enfraquecido internamente, como demonstrado pelas manifestações populares de oposição motivadas sobretudo pela deterioração da economia. O ataque norte-americano é, ao mesmo tempo, consequência desse enfraquecimento e da oportunidade nele percebida por Trump e causa adicional de desgaste. O que vai suceder dependerá da capacidade de a oposição canalizar esse descontentamento de modo a articular um desfecho de queda do regime.

- **Monique Sochaczewski**

O regime dos aiatolás já é praticamente um regime zumbi, uma vez que não tem como entregar melhorias econômicas demandadas pela população e razão pela leva de protestos iniciados em 28/12/25. Sua reação extremamente violenta aos mesmos, matando milhares de cidadãos e ferindo outros tantos, gerou mais revolta ainda. Embora impopular, incompetente e tido como corrupto, porém, não parece haver de fato uma alternativa de liderança capaz de ocupar um eventual vácuo de poder e isso pode levar mesmo a uma fragmentação do país.

- **Feliciano Guimarães**

É improvável que o regime iraniano seja derrubado, porque ele está profundamente enraizado nas instituições e em parte significativa da estrutura do Estado e da sociedade iraniana, embora exista uma contestação doméstica relevante. Eu diria, inclusive, que o governo enfrenta níveis muito baixos de aprovação popular.

Não parece plausível que, a partir de bombardeios aéreos, os Estados Unidos consigam promover uma mudança completa de regime. O que pode ocorrer, eventualmente, é uma substituição de lideranças dentro do próprio sistema. Mas isso não garante que os novos nomes — seja na escolha do líder supremo, seja na direção da Guarda Revolucionária — sejam mais pragmáticos ou mais dispostos a negociar.

É importante lembrar que o Irã, historicamente, vive uma divisão interna entre forças mais pragmáticas, que defendem alguma abertura ao Ocidente e ao sistema multilateral, e uma ala mais conservadora e ideologicamente rígida, que sustenta uma postura confrontacional, busca acelerar o desenvolvimento da bomba atômica e pretende expandir a influência regional do país. Esse é um embate estrutural da política iraniana. Ainda que haja a intenção de enfraquecer determinadas lideranças e, com isso, fortalecer setores considerados mais pragmáticos, nada garante que o resultado seja uma maior disposição para negociar. Pelo contrário: após ataques externos, o sentimento predominante costuma ser o de endurecimento, com maior pressão interna por respostas firmes.

Que força têm hoje grupos aliados do Irã como o Hamas e o Hezbollah?

- **Rubens Ricupero**

Muito pequena e puramente no Líbano e imediações. Israel não precisa de ajuda para lidar com eles. Grupos aliados do Irã como o Hamas e o Hezbollah têm hoje força muito limitada, e puramente no Líbano e imediações.

- **Monique Sochaczewski**

Diferentemente do que pregava Israel, ambos os grupos ainda sobrevivem, e no Oriente Médio sobreviver é vencer. Estão enfraquecidos, porém. Hamas tenta se reorganizar em Gaza, recusando a desarmar-se, como prega o acordo de cessar fogo mediado pelos EUA. Por outro lado, seus principais apoiadores políticos e econômicos, Turquia e Catar, estão em fase sensível por conta da guerra contra o Irã. A Turquia teme por influxo de refugiados, ativação da questão curda e mesmo sofrer ataques por ter a base estadunidense de Incirlik. Já o Catar foi atacado várias vezes e terá o fluxo de exportações de óleo e gás e impactado no Golfo Pérsico/Arábico. Em relação ao Hizballah, ele foi enfraquecido nos episódios dos paggers e walkie-talkies, o assassinato de Nasrallah e a queda do regime de Bashar al Assad na Síria vizinha, além de ter um governo libanês querendo exercer sua soberania e exigindo que o grupo não faça ataques a partir de seu território para que não haja retaliação. Pois o Hezbollah fez ataques contra Israel “em solidariedade pela morte de Khamenei” e “para se vingar de ataques que o Líbano sofre por Israel” e, pois bem, Israel voltou a atacar o Líbano em represália, gerando destruição, deslocamento de populações e impacto político interno no país.

Quais as consequências para a segurança energética e para a economia mundial com o fechamento do Estreito de Ormuz?

- **Clarissa Lins**

Ainda é cedo para avaliar as consequências completas do conflito no Oriente Médio, mas os mercados de energia já estão sendo afetados pela alta dos preços do petróleo cru e do GNL. Tal volatilidade acentuada reflete a importância da região para a produção tanto de óleo cru, de derivados de petróleo quanto de GNL, bem como a relevância da infraestrutura de escoamento para os fluxos globais.

O eventual fechamento de fato do Estreito de Ormuz representa um impacto de cerca de 20% da produção global de óleo e gás, já que por lá circulam cerca de 15 milhões de barris de óleo e 5 milhões de derivados de petróleo. Adicionalmente, a região do Golfo também responde por cerca de 20% da produção global de GNL.

Desta forma, uma ação prolongada pode gerar impactos significativos em termos dos fluxos globais de óleo e gás, com reflexos pronunciados nos preços do Brent e do GNL – à luz do observado já nesse início de conflito. Além de serem fator de insegurança energética, tais consequências, se prolongadas, podem ter efeito em preços de energia, gerando inflação e minando o crescimento econômico.

Ainda é prematuro avaliar a dimensão de todas as consequências do conflito em curso, mas certamente a alta dos preços de petróleo e GNL, associada à sua elevada volatilidade, favorece o argumento de que é preciso acelerar a transição energética.

Países importadores de fontes fósseis sofrem as consequências diretas da interrupção dos fluxos de produtos energéticos, bem como de preços mais altos, justificando investimentos em fontes domésticas de geração de energia. Embora o carvão possa eventualmente ser uma dessas fontes, notadamente nos países asiáticos, as fontes renováveis tendem a ser uma opção ainda mais competitiva neste contexto.

Não parece ser provável, assim, que o debate sobre os novos contornos da segurança e da transição energética percam força.

- **Monique Sochaczewski**

Entendo que países como Japão, Coreia do Sul e Índia serão rapidamente impactados por dependerem imensamente do petróleo e gás oriundos do Oriente Médio, e que a China consiga resistir cerca de um mês ainda com suas reservas. Por outro lado, o Catar me parece ser o país do Golfo a ter suas exportações mais impactadas com o fechamento de Ormuz. Arábia Saudita tem um duto para o Mar Vermelho que a ajuda a “bypassar” o fechamento do estreito.

Quais os efeitos da guerra para o comércio mundial e para o Brasil?

- **Lia Valls**

O ataque dos Estados Unidos ao Irã aumentou o grau de incerteza e imprevisibilidade que tem dominado o comércio mundial, desde o começo do governo Trump 2.0. Qual o impacto na economia e no comércio mundial dependerá, em parte, da duração e da extensão do conflito para outros países, o que já vem ocorrendo. Aumento do preço do petróleo que se reflete no aumento dos custos de transporte, aumento nos custos de logística e pressões inflacionárias que podem retardar movimentos de queda de juros que eram esperados em vários países são fatores que sugerem menor crescimento da economia mundial e do comércio.

Para o Brasil pode haver ganhos com o aumento no preço do petróleo, mas o país é importador de óleo diesel, que também terá alta de preços. A participação do Oriente Médio nas exportações brasileiras foi de 4,6%, em 2025. Para alguns produtos, esse mercado é relevante: carne de aves (35,2% do total exportado em 2025), açúcar e melaços (17,0%) e milho não moído (16,2%), por exemplo. Nesse caso, num momento em que o Brasil procura diversificar o destino das suas exportações, perdas de mercados impactam na balança comercial.

Mesmo que a guerra não se prolongue, o efeito Trump 2.0 na criação de incertezas e construção de cenários imprevisíveis é intensificado com esse conflito. Por último, o efeito indireto para o Brasil a ser indagado é como ficam as expectativas, que eram relativamente otimistas, para as negociações do Brasil com os Estados Unidos sobre o tarifaço durante o mês de março.